

**João Miguel Simões
Vidal de Lemos**

***As Profissões na Representação Fotográfica
Uma análise visual – um projeto fotográfico***

Guarda de Passagem de Nível – Profissão em extinção

**João Miguel Simões
Vidal de Lemos**

***As Profissões na Representação Fotográfica
Uma análise visual – um projeto fotográfico***

Projeto apresentado ao IADE-U Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design e Cultura Visual, opção de especialização em Estudos de Cultura Visual realizada sob a orientação científica do Mestre Carlos Manuel Oliveira e Costa, Professor Auxiliar da *IADE-U*.

Às “Guardas da Linha”

o júri

presidente

Prof. Doutor Armando Jorge Gomes Vilas Boas
Professor Auxiliar do IADE – Creative University

Prof. Doutor Augusto Duarte de Sousa Lemos
Professor Adjunto na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

Prof. António Manuel da Silva Martins Teixeira
Presidente da Direção da CESAP, Cooperativa de Ensino Superior Artística do Porto e Professor na Escola Superior Artística do Porto

Prof. Mestre Carlos Manuel Oliveira e Costa
Professor Auxiliar do IADE – Creative University

agradecimentos

Agradeço a todos os que colaboraram, direta ou indiretamente, na construção deste trabalho.

Palavras-chave

Profissões em extinção; Caminhos de Ferro; Guarda de Passagem de Nível; Fotografia

RESUMO

Este trabalho parte de uma análise da representação fotográfica das Profissões na História da Fotografia, servindo de fundo para a realização do projeto fotográfico sobre a profissão em extinção de Guarda de Passagem de Nível.

Presentemente, numa nova ordem internacional, os países perdem fronteiras, os hábitos e as vivências universalizam-se, a tecnologia avança a um ritmo ímpar na história da humanidade originando grandes e rápidas mudanças na vida das pessoas, na morfologia do espaço, com interferência direta na paisagem e nas sociedades.

As profissões acompanham esta evolução, quer transformando-se ou extinguindo-se umas, criando-se muitas outras e, residualmente, mantendo-se algumas quase inalteradas.

Desde o início da fotografia que os fotógrafos integram nos seus portfólios questões ligadas ao exercício das profissões, caracterizando social e etnograficamente as populações nas diversas regiões e especificidades demográficas do mundo, registando a forma e o contexto como as profissões se exercem e afirmam, se vão modificando e extinguindo, apagando-se progressivamente da nossa memória coletiva.

Através de uma abordagem de aproximação de conceito, em tempos diferentes, formas de ver e sentir distantes, o presente trabalho incide na observação, análise, captação e realização de um conjunto de imagens, cujo referente se focaliza na profissão em extinção de Guarda de Passagem de Nível. O encerramento das passagens de nível nos caminhos de ferro e a conseqüente deslocalização das travessias sob a forma de instalações desniveladas, resultam também em alterações morfológicas, económicas e sociais significativas, que se associam à extinção daquela profissão e que, necessariamente, constituem matéria de abordagem fotográfica, expressa na linha de uma estética fotográfica documental, de sentido sociológico, tecnológico e cultural.

Keywords

Endangered occupations; Railways; Railroad Crossing Guard; Photography

ABSTRACT

This work is based on an analysis of the photographic representation of Occupations in the History of Photography, serving as a background for the accomplishment of the photographic project about the endangered occupation of Railroad Crossing Guard.

At present, being part of a new international order, countries are losing their borders, customs and living experiences are becoming universalized and technology is developing at a rate unmatched in the history of mankind, creating large and rapid changes to space morphology, with direct interference on landscape and society.

Occupations follow this evolution, some being transformed or extinguished, many others being created and, residually, some remaining almost unchanged.

Since the beginning of photography, photographers have included in their portfolios issues related to the practice of occupations, featuring populations, both social and ethnographically, in various regions and demographic specificities worldwide, noting the way and context through which occupations are practiced and assert themselves, and how they become modified and extinguished, being gradually erased from our collective memory.

Through a conceptual approach, at different times, with distant ways of seeing and feeling, this work focuses on the capture and accomplishment of a set of images, whose referent is focused on the endangered occupation of Railroad Crossing Guard. The closure of railroad level crossings and their subsequent relocation by way of uneven platforms result in morphological, economic and social significant changes as well, which are connected with the extinction of the aforementioned occupation and which, necessarily, constitute a subject of photographic approach, expressed in a documentary photographic aesthetic line, with a sociological, technological and cultural sense.

ÍNDICE

1. Introdução	21
2. Estado da Arte - As profissões na representação visual	25
2.1. Atividades profissionais, ícones das artes visuais anteriores à fotografia	27
2.2. Representação fotográfica de profissões em diferentes contextos temporais e sociais	31
3. Projeto fotográfico – proposta para uma iconografia documental	51
3.1. A profissão em extinção de “guarda de passagem de nível”	52
3.2. Desenvolvimento do projeto	57
3.2.1. Zonas de intervenção	59
3.2.2. A questão de género na profissão	77
3.2.3. Encerramento das passagens de nível – extinção da profissão – alterações morfológicas no espaço e interferências na paisagem	79
3.3. Portfólio fotográfico – proposta de uma exposição	83
4. Conclusão	107
5. Fontes e Bibliografia	109
6. Anexos	113

Lista de Figuras

- Fig. 1 *Polícia sinaleiro e passagem de nível junto à Avenida D. Carlos I, em Santos, (autor desconhecido)*
- Fig. 2 Joseph Wright of Derby *the Alchemist*, 1771
- Fig. 3 Joseph Wright of Derby *The Iron Forge*, 1771
- Fig. 4 Joseph Wright of Derby *The Blacksmith's shop*, 1771
- Fig. 5 Joseph Wright of Derby, *A Philosopher by Lamplight*, 1771
- Fig. 6. Joseph Wright of Derby, *A Philosopher Lecturing on the Orrery*, 1766
- Fig. 7 Louis-Jacques Mandé Daguerre, *Boulevard du Temple*, 1839
- Fig. 8 Henry Fox Talbot, *Londres*
- Fig. 9 Charles Nègres, *Paris*, 1852
- Fig. 10 Charles Nègres, *Paris*, 1851
- Fig. 11 Andrew J. Russel, 1869
- Fig. 12 Andrew J. Russel, 1867-68
- Fig. 13 Charles Marville, ca. 1870
- Fig. 14 Jacob Riis, *How the Other Half Lives*, 1889
- Fig. 15 a 20 Jacob Riis, from de *How the Other Half Lives*
- Fig. 21 a 29 Eugène Atget, *Paris*, de 1888 a ca.1927
- Fig. 30 Lewis Hine, *Tipple Boy*, 1908
- Fig. 31 e 32 Lewis Hine, *Coal Minors*, 1908
- Fig. 33 e 34 Lewis Hine, *Oyster Shuckers at Apalachicola*, 1908
- Fig. 35 e 36 Lewis Hine, *Workers on Empire State Building* , 1931
- Fig. 37 a 40 Lewis Hine, *Spinners and Doffers in Lancaster Cotton Mills*, 1908 a 1910
- Fig. 41 Lewis Hine, *Merilda Carrying Cranberries*, Rochester, Eldridge Bog, Massachusetts, 1911
- Fig. 42 a 50 August Sander, *People of the 20th Century*, início em 1911
- Fig. 51 a 60 Irving Penn, anos 50, 60 e 70
- Fig. 61 João Vidal Lemos, *PN Alagoa*, 2014
- Fig. 62 Extrato do Quadro de Pessoal da CP, 1956
- Fig. 63 Mapa de Ações em PN, Relatório Anual 2008, DGPCE
- Fig. 64 Pintura de Laurits Andersen Ring, *Dinamarca, The Railroad Guard*, 1884
- Fig. 65 Fofografia: Raj Upadhyay *India, Crossing Guard* 2012
- Fig. 66 Fotografia: George G. Ayling *USA, Central Islip, Carleton*, c.1918
- Fig. 67 Fotografia: Dave Morrison *USA, Bethpage* 1944
- Fig. 68 Fotografia: Fred Weber *USA, Watchman at Osborne Ave*, c.1946
- Fig. 69 Fotografia: autor desconhecido *USA, Areenpoint AveBlissville*, 1970,
- Fig. 70 Fotografia: Alan Mueller, *Greece Grécia*, circa 1920
- Fig. 71 Fotografia Dean C.K. Cox, *Quirguistão, Kara-Balta, Bishkek*, 2010
- Fig. 72. e 72a *Dona São, Guarda de Passagem de Nível*, ca.1974 e na *Escola Básica nº 1 de Pampilhosa*, 2014
- Fig. 73 João Vidal Lemos, *Estação-Museu, Macinhata do Vouga*, 2014
- Fig. 74 João Vidal Lemos, *Estação de Salreu*, 2014

Fig. 75 a 81	João Vidal Lemos, <i>Interiores de Cabinas PN</i> , 2014
Fig. 82	<i>Mapa Linha do Vouga, distâncias e altitudes</i> , 1956
Fig. 83	<i>Horário Aveiro – Viseu</i> , 1985
Fig. 84	João Vidal Lemos, <i>Placa comemorativa de 75 anos Sernada, Águeda, Aveiro</i>
Fig. 85	<i>Propaganda às “Comemorações dos Centenários”</i> , 1940
Fig. 86	João Vidal Lemos, <i>Placa comemorativa de 100 anos da Linha do Vale do Vouga, citação de Ferreira de Castro</i>
Fig. 87	João Vidal Lemos, <i>PN Águeda</i> , 2014
Fig. 88	João Vidal Lemos, <i>Estação-dormitório de Águeda</i> , 2014
Fig. 89	João Vidal Lemos, <i>PN Aguiçeira</i> , 2014
Fig. 90	João Vidal Lemos, <i>PN Alagoa</i> , 2014
Fig. 91	João Vidal Lemos, <i>PN Paredes</i> , 2014
Fig. 92	João Vidal Lemos, <i>PN Eirol</i> , 2014
Fig. 93	João Vidal Lemos, <i>PN Azurva</i> , 2014
Fig. 94	João Vidal Lemos, <i>PN Granja Norte</i> , 2014
Fig. 95	João Vidal Lemos, <i>PN Granja Sul</i> , 2014
Fig. 96	João Vidal Lemos, <i>PN Ovar</i> , 2014
Fig. 97	João Vidal Lemos, <i>PN Ovar</i> , 2014
Fig. 98	João Vidal Lemos, <i>PN Paramos</i> , 2014
Fig. 99 e 100	João Vidal Lemos, <i>PN Granja Sul</i> , 2014
Fig. 101	João Vidal Lemos, <i>PN Granja Norte</i> , 2014
Fig. 102	João Vidal Lemos, <i>PN Miramar</i> , 2014
Fig. 103 a 108	João Vidal Lemos, <i>Guardas de PN no seu posto de trabalho</i> , 2014
Fig. 109	<i>Gráfico de Ações em PN, Relatório Anual 2008</i> , DGPC
Fig. 110 a 118	João Vidal Lemos, <i>Passagens de Nível encerradas</i> , 2014
Fig. 119 a 126	João Vidal Lemos, <i>Passagens de Nível deslocalizadas</i> , 2014
Fig 127 a 151	João Vidal Lemos, <i>Portfólio Fotográfico – propostas de uma exposição</i> , 2014
Fig. 152	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Pescador</i> , 2004
Fig. 153	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Taxista</i> , 2004
Fig. 154	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Escultor</i> , 2004
Fig. 155	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Cozinheiro</i> , 2004
Fig. 156	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Enfermeira</i> , 2004
Fig. 157	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Agricultor</i> , 2004
Fig. 158	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Téc^o de Laborat^o</i> , 2004
Fig. 159	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Guarda Linha, C.P.</i> , 2004
Fig. 160	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Talhante</i> , 2004
Fig. 161	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Mecânico Auto</i> , 2004
Fig. 162	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Eletricista Auto</i> , 2004
Fig. 163	João Vidal Lemos, Anexos, A Profissão e o Meio, <i>Pintor construção</i> , 2004

1. INTRODUÇÃO

Dentro de uma abordagem construtivista dos mundos possíveis, até o mundo 'real' de referência deve ser entendido como uma construção cultural.

Humberto Eco
(Lector in Fabula)

O projeto denominado “*As Profissões na Representação Fotográfica; Uma análise visual – um projeto fotográfico*” incorpora o processo de investigação sobre esta temática tratada por fotógrafos, em tempos e locais geográficos diferenciados, constituindo o ponto de partida para um projeto fotográfico pessoal, integrante dum processo dialético da evolução tecnológica da sociedade e das mutações profissionais que se projetam diretamente na vida das pessoas.

Assim, recorro aos trabalhos legados por fotógrafos que, no decurso de cerca de dois séculos de história da fotografia, trataram as questões do Homem e da sua sociabilização, problematizando, refletindo e por vezes delatando os desequilíbrios sociais, culturais e políticos através das representações de profissões. Neste projeto equacionarei as tensões resultantes dos pontos de contacto entre imagens desses fotógrafos, que trataram estas questões universais muito anteriores à fotografia, e o desenvolvimento do meu próprio trabalho.

A observação e análise da evolução das profissões enquanto fator determinante de uma sociedade, que se debate num paradigma global, pessoas versus tecnologias, contribuirá para a exaltação de questões primárias levantadas por este projeto: Estará a Tecnologia a ser usada em favor da sociedade e do seu pilar básico de direito ao trabalho e a uma profissão ou função? Ou, pelo contrário, estará a contribuir para debilitar a própria estrutura profissional e social?

Na abordagem aos fotógrafos, que selecionei, destaco séries de imagens que, pela relevância das referências intrínsecas e temporais nelas representadas, aportam simbologias estético-sociais de época que, para além da valoração de uma iconografia antropológica própria, emanam princípios e valores ideológicos de uma sociedade específica.

Para responder aos pressupostos atrás enunciados deparei-me com uma panóplia de fotógrafos que trataram estas questões, localizados em diversas partes do mundo e em épocas diferentes, tendo, necessariamente por questões processuais e de disciplina do presente projeto, de optar por uma seleção feita com base cronológica e espacial, escolhendo, por isso, Jacob Riis, Lewis Hine, Eugène Atget, August Sander e Irving Penn.

No decurso do meu projeto, o elenco das representações fotográficas confrontar-se-á com a tensão decorrente dos conteúdos iconográficos daqueles autores e os do meu próprio trabalho, nomeadamente convocando questões sociais e antropológicas que, no caso em apreço, examinam a extinção da profissão de Guarda de Passagem de Nível, conjugada com o automatismo, encerramento e deslocalização das passagens de nível nos caminhos de ferro.

Assim, o projeto alimenta-se de três vetores, que se interdependem, praticamente, em circuito fechado: encerramento e/ou automatismo das passagens de nível e deslocalização das travessias através de equipamentos de infraestruturas desniveladas - a consequente alteração morfológica na paisagem e na vida socioeconómica local – e a extinção da profissão de Guarda de PN.

O conjunto iconográfico resultante deste projeto pretende, para além de resolver a imagem fotográfica como representação indicial do referente, converter-se igualmente em ferramenta discursiva, onde não deixem de prevalecer valores ideológicos que exaltem o sentido de uma salutar coexistência da vida humana, com a prevalência dos novos meios tecnológicos, sempre em mutação e, necessariamente, postos ao serviço do Homem.

O projeto assenta, primeiramente, na concepção, levantamento e planificação dos meios logísticos, viabilizando a seleção e estruturação de uma amostragem, que se manifeste representativa de um todo nacional.

A minha localização habitacional e profissional, próxima de duas linhas de caminho de ferro, a Linha do Norte, sempre em efervescente atividade e, em sentido inverso, a Linha do Vouga, quase em agonia, fornecem-me o referente

para o desenvolvimento do projeto de fotografia documental “situada”,¹ integrante das tendências de uma “linguagem visual contemporânea”.²

O trabalho culminará com uma seleção de imagens adaptadas e a incluir no corpo do texto que a seguir se desenvolve, na integração gráfica dos painéis em apresentação, na produção de um portfólio fotográfico impresso e acondicionado em embalagem apropriada, também em apresentação durante o processo avaliativo, bem como a produção de uma exposição subordinada ao mesmo tema e a realizar futuramente na Fundação Júlio Resende – Lugar do Desenho.



Fig. 1 Polícia sinaleiro e passagem de nível junto à Avenida D. Carlos I, em Santos, (autor desconhecido)

¹ “práticas de arte contemporânea situadas”, segundo o conceito elaborado pela artista e filósofa eslovena Maria Grznic no seu livro “SITUATED CONTEMPORARY ART PRACTICES”, Art, Theory and Activism from (the East of) Europe – Ljubljana, Frankfurt am Main 2004

² Como refere Vladinir Birgus e Jan Mlcoch no catálogo da exposição “Czech photography in the 20th Century”, Prague: Kant, 2005: “a new trend emerged in photography during the 1990s, which considered photography integral part of the contemporary visual expression.”

2. ESTADO DA ARTE - AS PROFISSÕES NA REPRESENTAÇÃO VISUAL

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...*

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)

Desde a sua invenção, a fotografia foi vista, basicamente, como meio criativo capaz de competir com outros meios de expressão visual, tais como a pintura. Paul Delaroche, (1797–1856) pintor francês, ao ver os primeiros daguerreótipos em 1839, terá declarado que “a partir de hoje, a pintura está morta”.

Os primeiros usos da fotografia consistiam em representações ‘objetivas’ da realidade, no sentido mimético do termo. Representando, desta forma, os factos visuais, a fotografia era aceite como um paradigma de verdade. Como refere Peter Hamilton, “acreditamos nela porque acreditamos nos nossos olhos”.³

De acordo com o mesmo autor, investigador em sociologia e cultura visual, com particular ênfase na fotografia:

*“As representações que o fotógrafo produz estão relacionadas com as suas interpretações pessoais dos eventos e objetos que ele escolhe para colocar em frente da objetiva da câmara. Elas são validadas pelos factos que o fotógrafo experiencia, os eventos ou sentimentos “testemunhados” e retratados, evocando assim uma ampla verdade”.*⁴

Ao considerar-se esta perspectiva sobre o fotógrafo e o ato fotográfico, está-se perante a forma documental de interpretação subjetiva, que constitui o ponto de vista do chamado documentarismo fotográfico contemporâneo.

³ Peter Hamilton, *Representing the Social, France and Frenchness in Post-War Humanist Photography, in Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*, Edited By Stuart Hall, 1997. p. 82

⁴ Ibid. p. 146

Segundo Régis Debray, (1940), *“Não há percepção sem interpretação. Não há grau zero no olhar (nem, por conseguinte, imagem em estado cru). Não existe uma camada de documentário puro sobre a qual num segundo tempo se enxerte uma leitura simbólica”*.⁵

A fotografia, logo nos primeiros daguerreótipos e talbotipos (calótipos), retrata motivos do trabalho. É comum percorrer-se as diferentes edições de histórias da fotografia e, desde o seu início, nos vários pontos do mundo, diversos são os autores que se fixam em ambientes de manufatura, transformação, ou relações de trabalho.

A atmosfera da revolução industrial do século XVIII, antecedida do uso da câmara escura como meio auxiliar no desenho e na pintura nos séculos anteriores, fazia prever o amadurecimento sociológico que iria facultar, praticamente em simultâneo, as diversas invenções da fotografia. Pelas mãos de pintores como Joseph Wright of Derby representavam-se cenas de oficinas de trabalho, onde se enalteciam as radiações luminosas que, produzindo um aumento de contraste, ampliavam a dramatização do cenário. Na literatura, Honoré de Balzac desenhava com palavras descrições hiper-realistas de cenas de Paris da época, como as do Pai Goriot.

⁵ Debray, Régis, *Vie et mort de l'image, Une histoire du regard en Occident*, Gallimard, 1992, p. 59

2.1. Atividades profissionais, ícones das artes visuais anteriores à fotografia

A movimentação cultural e artística iniciada nos séculos XV e XVI na Europa Ocidental introduz alterações aos valores da idade média, centrando no Homem o protagonismo da construção do seu cosmos, o aglutinador do conhecimento que lhe permitirá desenvolver os meios científicos e técnicos capazes de modificar o mundo. Nas artes introduzem-se novas técnicas, novos conceitos, que vão diversificar a forma de ver o mundo pelos artistas. O Homem, os seus valores e as mudanças nos sistemas de produção e, conseqüentemente, nas relações de trabalho, passam a ser recentrados na importância dos temas tratados pelos artistas.

Avizinha-se a invenção do processo de fixação técnica da imagem, sem o auxílio direto da mão humana, promovendo-se experiências de procedimentos distintos em várias partes do mundo.

A luz passa a merecer especial atenção, figurando nas cenas pictóricas com a visibilidade que só mais tarde se revisitará na matéria-prima das imagens fotográficas.

É o caso do pintor inglês Joseph Wright of Derby (1734-1797), considerado o “primeiro pintor profissional que expressou o espírito da Revolução Industrial”.⁶ Foi um artista fascinado com os efeitos da iluminação na sua pintura meticulosa, com contrastes de luz e sombra, numa clara aproximação ao olhar fotográfico.

As suas obras “The Alchemist”, “The Iron Forge”, “The Blacksmith's Shop”, “A Philosopher by Lamplight” e “A Philosopher Lecturing on the Orrery” exprimem uma clara intenção de registrar, para além de todo o envolvimento e atmosfera do espaço das oficinas e ateliers onde se desenvolvem atividades profissionais e científicas, momentos especiais, como se de uma reportagem se tratasse, quase a remeter para o conceito Bressoniano do “momento fotográfico”.

⁶ F. D. Klingender; citado en Ellis Waterhouse, *Painting in Britain 1530 to 1790*, 4.ª edición, Nueva York, Viking Penguin, 1978; pág. 285.



Fig. 2 *The Alchemist*



Fig. 3 *The Iron Forge*



Fig. 4 *The Blacksmith's Shop*



Fig. 5 *A Philosopher by Lamplight*



Fig. 6 *A Philosopher Lecturing on the Orrery, 1766*

2.2. Representação fotográfica de profissões em diferentes contextos temporais e sociais

A invenção da Fotografia, com o seu anúncio oficial a 19 de Agosto de 1839, na Academia de Ciências e Artes de Paris, veio disponibilizar o procedimento ao domínio público, possibilitando a sua disseminação, especialmente junto dos pintores, que a passaram a usar, essencialmente, como suporte à sua própria atividade.

A complexidade e as limitações dos processos, com “tomadas de vista” que duravam várias dezenas de minutos, não obstavam de fixar, logo nos primeiros daguerreótipos, imagens do meio social e urbano, como se observa na primeira imagem fotográfica com pessoas da história, captada no movimentado Boulevard du Temple, em Paris.

De imediato, a fotografia chama às suas representações matérias do foro físico e social, dando visibilidade a acontecimentos relevantes de cada época, com especial incidência nas condições da vida do ser humano e do seu espaço envolvente.



Fig. 7

Louis-Jacques Mandé Daguerre, 1839.



Fig. 8

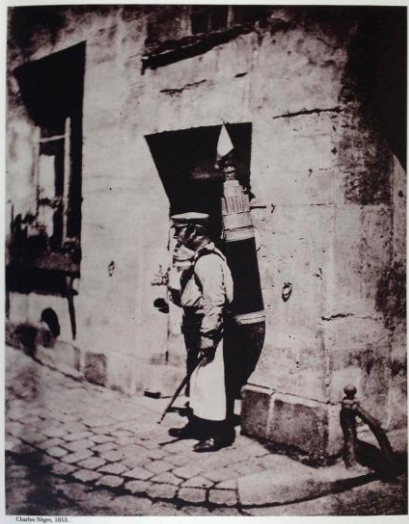


Fig. 9



Fig. 10



184. ANDREW J. RUSSELL, *Jonction des rails à Promontory Point dans l'Utah*, 1869. Épreuve à l'albumine. Omaha, Nebraska, Union Pacific Historical Museum.

Fig. 11



185. ANDREW J. RUSSELL, *Construction du chemin de fer à Citadel Rock, Green River, Wyoming*, 1867-68. Épreuve à l'albumine. New Haven (Connecticut), Université Yale, Western Americana Collection, Beinecke Rare Books and Manuscripts.

Fig. 12



Charles Marville, ca. 1870.

Fig. 13

Percorrendo a História da Fotografia, são inúmeros os fotógrafos que mais diretamente se fixaram nas questões sociais do seu tempo, documentando a sociedade e a evolução da humanidade. Porém, por motivos de configuração deste projeto, far-se-á uma seleção de entre os que mais diretamente exaltaram as questões laborais, dando um impulso significativo para modificar as deficientes relações de trabalho e da vivência social, contributo essencial para o acervo histórico da denominada fotografia documental, que chegou até nós.

Jacob Riis (1849-1914), em 1890 publica em Nova Iorque o livro *How the Other Half Lives: Studies among the Tenements of New York*. A suas fotografias documentaram a forma de vida dos emigrantes dos bairros pobres de Nova Iorque, revelando à sociedade as condições de vida indignas de uma grande parte da população, tornando-se num documento de exaltação e referência no estudo da comunidade da época.

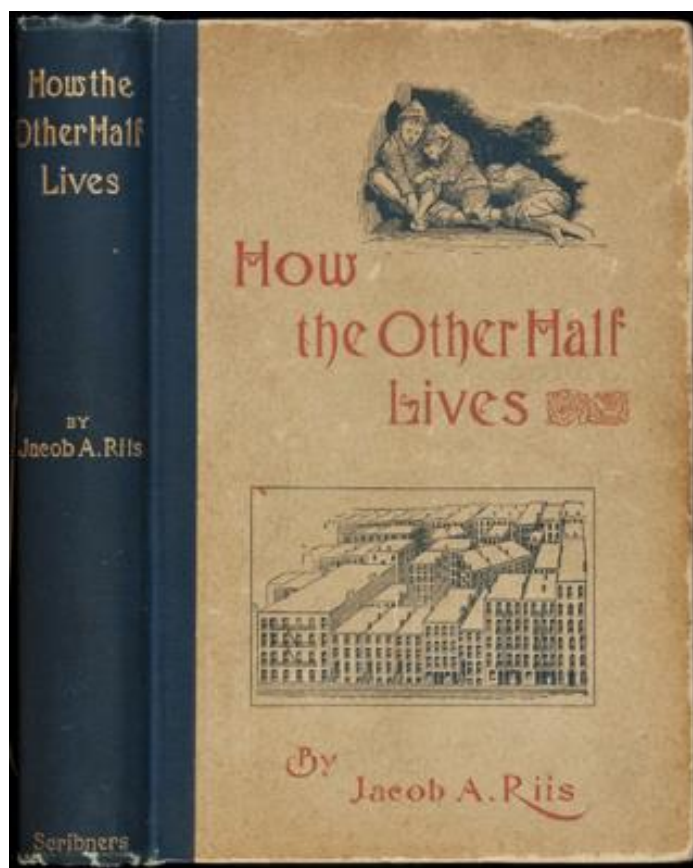


Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19



Fig. 20

Eugène Atget (1857-1927), fotógrafo francês, ficou órfão ainda em criança, tendo sido criado por um tio. Foi marinheiro e ator, tendo estudado no Conservatório de Arte Dramática de Paris. Em 1889 dedicou-se à pintura e só aos 40 anos se torna fotógrafo, documentando as ruas de Paris e os seus habitantes.

Desde 1888, e durante trinta e nove anos, capta exaustivamente imagens da vida social, arquitetura e as transformações burguesas na velha Paris, reunindo uma coleção de fotografias com cerca de 10 000 clichés. Classificou as suas imagens como “documentos para os artistas”, afirmando ter um registo completo de toda a antiga Paris.



Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24



Fig. 25



Fig. 26



Fig. 27



Fig. 28



Fig. 29

Lewis Hine (1874-1940), sociólogo e fotógrafo americano, usava a “câmara como uma ferramenta para a reforma social”. Em 1906 torna-se fotógrafo da Russell Sage Foundation⁷ documentando no seu trabalho a sociedade operária. Sensibilizado pelos problemas sociais das camadas mais pobres e trabalhadoras, interessou-se pela problemática do trabalho infantil, tornando-se em 1908 fotógrafo da National Child Labor Committee (NCLC). As suas imagens destapavam, de uma forma crítica, as condições precárias de trabalho nas construções dos grandes arranha-céus de Nova Iorque, ou a forma como o trabalho infantil estava enraizado na sociedade da época.

Durante a grande depressão fotografou para a Tennessee Valley Authority, documentando a vida dos habitantes nas Montanhas do Tennessee.

Lewis Hine num progressivo e intenso trabalho documental sob o cunho da ideia fundamental de trazer a público as atrocidades que estavam a ser impostas aos trabalhadores e mais em concreto às crianças, foi um dos autores com a obra mais produtiva e marcante do seu tempo neste campo.

As décadas pós revolução industrial foram tempos de grandes transformações tecnológicas e sociais, na América do Norte, assim como nos países em vias de desenvolvimento do resto do mundo. Os enormes avanços tecnológicos, as máquinas, o “automatismo” e a industrialização de muitas funções, antes executadas por vários trabalhadores, são agora substituídas por máquinas sob o desígnio de serem mais rápidas, mais perfeitas, tornando as tarefas mais fáceis de realizar. As condições de trabalho que Lewis Hine trouxe a público nas suas fotografias, foram personificadas nos rostos de crianças “adultas”, exercendo uma profissão, trabalhando por vezes 14 horas por dia a troco de salários irrisórios.

Lewis Hine soube mostrar esta dura realidade de tal forma que foi sensibilizando a sociedade, levando à criação de leis de trabalho.

⁷ The Russell Sage Foundation é uma importante fundação americana na pesquisa das ciências sociais. Localizada em Nova Iorque, o seu centro de pesquisas financia estudos relacionados com as ciências sociais.

"For the improvement of social and living conditions in the United States"

— *From the Letter of Gift by Margaret Olivia Sage establishing the Russell Sage Foundation, April, 19, 1907*



Fig. 30 *Lewis Hine, Tipple Boy, 1908*



Fig. 31



Fig. 32

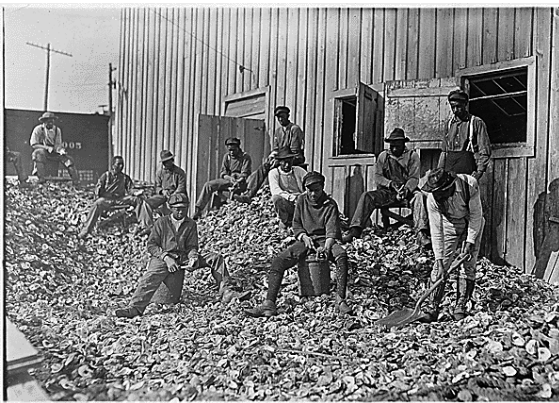


Fig. 33



Fig. 34

*"There is work that profits children, and there is work that brings profit only to employers. The object of employing children is not to train them, but to get high profits from their work."*⁸



Fig. 35



Fig. 36

⁸ Lewis Hine, 1908



Fig. 37



Fig. 38



Fig. 39



Fig. 40



Fig. 41

August Sander (1876-1964), fotógrafo documental alemão, filho de um carpinteiro, trabalhou na indústria mineira, tendo aprendido fotografia como assistente de fotógrafo numa mina. Foi com a ajuda financeira de um tio que comprou o material para fotografar e montar um laboratório fotográfico onde iniciou a sua vasta obra.

Nos anos 20 e 30 do século passado, elabora um levantamento de retratos caracterizando social e etnograficamente o povo e a sociedade germânica, fotografando desde o mundo intelectual e político, a cidadãos anónimos de várias profissões, tendo sido considerado como “o mais importante fotógrafo retratista alemão da primeira metade do séc. XX”.⁹

Em 1911 dá início à série de retratos “People of the 20th Century”, tendo em 1929 publicado o livro “*Face of our Time*”, (*Antlitz der Zeit*), com 60 retratos da série. A ascensão do regime nazi levou à apreensão do livro e à destruição dos seus respetivos clichés em 1936. De aproximadamente quatro mil clichés, cerca de três mil sobreviveram à guerra.



Fig. 42



Fig. 43

⁹ Michael Collins, *Record Pictures*, Thomas Telford Publishing, 2004



Fig. 44



Fig. 45



Fig. 46



Fig. 47



Fig. 48

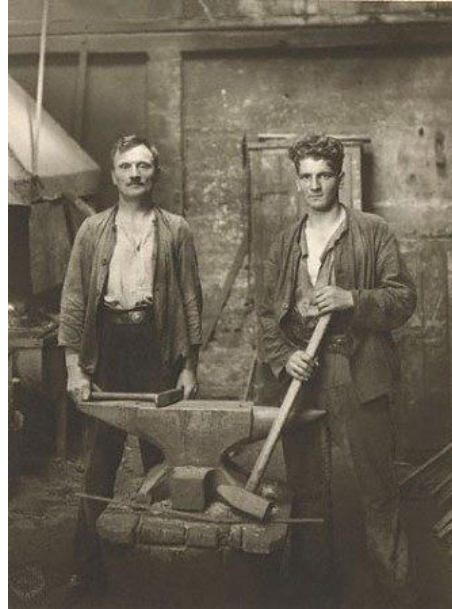


Fig. 49



Fig. 50

Irving Penn (1917-2009), fotógrafo americano, abordou uma enorme variedade de assuntos no seu trabalho. Percorrendo várias áreas da imagem, retratou figuras políticas, das artes e das letras, da moda, das tribos e do operariado. Trabalhou para a revista VOGUE durante sete décadas. Os seus retratos são considerados documentos de relevante significado para a história cultural do século XX.

Toda a sua obra está marcada pela obsessão minimalista, oriunda da influência das concepções arquitetónicas de Adolf Loos e Mies Van der Rohe.

Nos anos 50, retrata trabalhadores de várias profissões de Londres e de Paris. “Penn retira cada um deles do seu contexto para os introduzir num túnel do tempo que ele próprio concebe”.¹⁰

Irving Penn foi dos primeiros fotógrafos a colocar os modelos descontextualizados do seu meio natural, usando um fundo uniforme, por vezes em forma de canto. Penn tinha uma especial atenção para o retratado, para os objetos e poses que eram estudados e ensaiados de forma meticulosa. Os seus retratos encerram simbologias individualizadas dos retratados numa atitude intencional de estabelecer uma identidade recíproca, em que o próprio fotógrafo se projeta no fotografado, sendo “capaz de traduzir em ícones mais austeros – de onde esteticamente conjuga a voluptuosidade com o ascetismo – não somente as pessoas, mas tudo o que colocava frente à sua câmara”.¹¹

¹⁰ Manuel Falces, *La Sobria Elegancia de Irving Penn*, El País, 14/2/98

¹¹ Ibidem

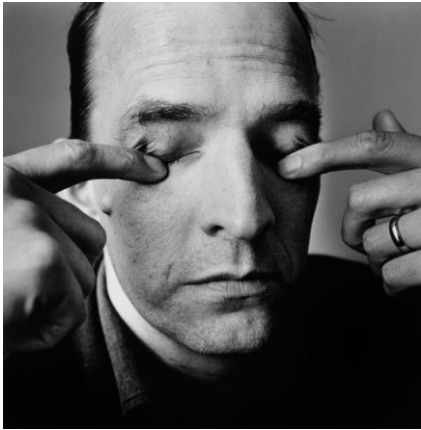


Fig. 51 *Ingmar Bergman, Estocolmo, 1964*



Fig. 52 *Francis Bacon, Londres, 1962*



Fig. 53 *Yves Saint Laurent, Paris, 1983*



Fig. 54 *Pablo Picasso, Cannes, 1957*

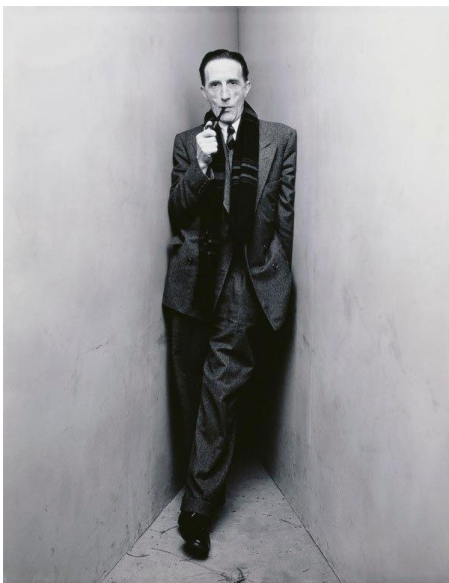


Fig. 55 *Marcel Duchamp, New York, 1948*



Fig. 56 *Alfred Hitchcock, New Your, 1947*



Fig. 57 Pescador, Londres, 1950



Fig. 58 Pasteiros, Paris, 1950



Fig. 59 Charwomen, London, 1951

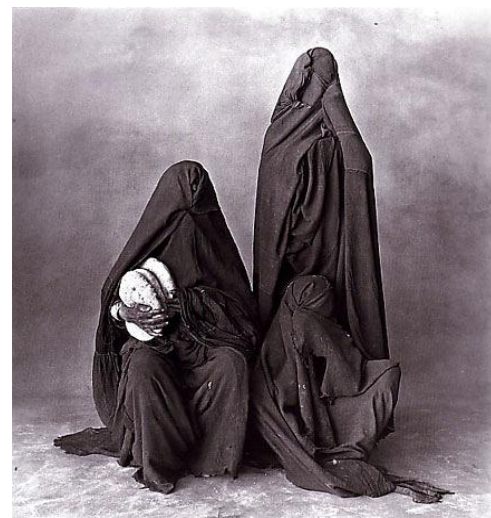


Fig. 60 Mulheres marroquinas com pão, 1971



Fig. 61

3. PROJETO FOTOGRÁFICO – PROPOSTA PARA UMA ICONOGRAFIA DOCUMENTAL

Guarda de Passagem de Nível – Profissão em extinção

O projeto aqui apresentado tem as suas raízes em trabalhos fotográficos e de multimédia anteriores, cujo tema se circunscrevia às profissões que remetem para alegorias de uma acentuada memória simbólica de infância (vide anexos “A Profissão e o Meio, 2004, JVL).

A mobilidade tem sido ao longo da história da humanidade um fator de desenvolvimento económico, social e cultural, interligando os centros de produção e de consumo, o quotidiano das necessidades da sociedade. Os transportes afetam diretamente o modo de vida das pessoas, desde o local onde vivemos, área onde trabalhamos, com quem nos relacionamos.

No contexto atual de uma constante e acelerada globalização há uma necessidade crescente de nos deslocarmos, sendo a mobilidade, desta forma, um importante fator de desenvolvimento das sociedades.

O Comboio foi sem dúvida um dos meios de comunicação que, desde a revolução industrial, mais ajudou no desenvolvimento das sociedades, permitindo a movimentação de grandes quantidades de matérias-primas e pessoas a locais e distâncias antes inacessíveis.

Tanto na sua vertente tecnológica, como na humana e profissional, o Comboio, e o que o envolve, assume um amplo interesse nos conteúdos das diferentes manifestações de representação documental da sociedade, particularmente na das profissões. A atividade ferroviária congrega várias profissões, com as quais nos habituámos a conviver e, de algum modo, ficcionamos na nossa memória desde a infância: o Revisor, o Maquinista ou o Chefe da Estação, a “Guarda da Linha”.

Algumas destas profissões mantem-se ativas e com futuro, outras acompanham a propensão dos tempos da globalização, caminhando para a

extinção. É o caso da Guarda de Passagem de Nível, que faz parte destas profissões condenadas e em franco declínio.

3.1. A profissão em extinção de “guarda de passagem de nível”

Segundo definição da Refer, as Guardas de Passagem de Nível “asseguram o controlo da circulação de veículos e peões no atravessamento de passagens de nível (PN), garantindo o rigoroso cumprimento da regulamentação e dos procedimentos de segurança aplicáveis, de forma a contribuir para a segurança de pessoas e bens e para o cumprimento dos elevados padrões de segurança e regularidade da circulação ferroviária.

QUADRO DO PESSOAL	
As quantidades de pessoal indicadas devem ser consideradas como dotações — limites máximos.	
A discriminação desses números limites, por categorias e classes é a seguinte:	
1	— Director-Geral
1	— Secretário-Geral
1	— Subdirector
25	— Engenheiros de 1. ^a classe
26	— Engenheiros de 2. ^a classe
18	— Engenheiros de 3. ^a classe
6	— Engenheiros-ajudantes
5	— Economistas de 1. ^a classe
6	— Economistas de 2. ^a classe
7	— Economistas de 3. ^a classe
3	— Economistas-ajudantes
1	— Médico-Chefe
1	— Médico-Subchefe
2	— Médicos-adjuntos
3	— Médicos-Inspectores
3	— Médicos das Inspecções sanitárias
1	— Médico do Laboratório de Análises
20	— Médicos de Posto sanitário de 1. ^a classe
20	— Médicos de Posto sanitário de 2. ^a classe
11	— Médicos substitutos de Postos sanitários
183	— Médicos das Secções sanitárias
46	— Médicos especialistas
1	— Chefe do Serviço do Contencioso (Jurista)
1	— Advogado
1	— Advogado-adjunto
7	— Advogados auxiliares
1	— Solicitador
1	— Ajudante de solicitador
1	— Arquitecto
5	— Chefes de Serviço (*)
5	— Subchefes de Serviço (*)
2 684	— Auxiliares
2 012	— Serventes de 2. ^a classe
540	— Serventes de 1. ^a classe
5 256	
700	— Guardas de passagem de nível de 3. ^a classe
500	— Guardas de passagem de nível de 2. ^a classe
307	— Guardas de passagem de nível de 1. ^a classe
1 507	
88	— Aspirantes
24	— Dactilógrafas
26	— Mecanógrafas
598	— Escriturários de 3. ^a classe
422	— Escriturários de 2. ^a classe
211	— Escriturários de 1. ^a classe
45	— Subchefes de escritório
56	— Chefes de escritório
2	— Inspectores de contabilidade
1 440	

Fig. 62 Extrato do Quadro do Pessoal da CP em 1956

No quadro de pessoal da CP, em 1956 estavam no ativo setecentos guardas de Passagem de Nível de 3ª classe, quinhentos de 2ª e trezentos e sete de 1ª, o que informa que estariam ao serviço da CP mil quinhentas e sete Guardas de Passagem de Nível no conjunto de todas as vias férreas em Portugal.

Mais recentemente, e a partir de dados de 2008 da Direcção Geral de Planeamento e Controlo Estratégico (mapa abaixo), existiam nessa altura, em Portugal, um total de mil duzentas e vinte e nove Passagens de Nível, das quais oitenta e seis com guarda e trezentas e setenta e três automatizadas. A partir destes elementos, inferir-se-á que se em cada Passagem de Nível com Guarda trabalham normalmente entre duas a seis Guardas PN por turnos rotativos, conforme os ramais onde se localizam, existiriam nesta data cerca de três centenas de Guardas PN.

Tipo de PN		Quantidade
PNs Públicas	Com Guarda	86
	Automatizadas	373
	Com meias barreiras	
	Sem meias barreiras	18
	Sem Guarda	466
	Tipo D	
	5ª catª	162
	Peões	177
	Subtotal	1102
PNs Particulares	127	
Total	1229	

Fig. 63

Direcção Geral de Planeamento e Controlo Estratégico – Direcção de Gestão de Atravessamentos e Passagens de Nível – Acções em PN – Relatório Anual 2008

Um pouco por todo o Mundo, onde exista historial ferroviário, subsistem referências visuais a esta função.

Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos de inclusão de profissionais Guardas de PN e passagens de nível nos conteúdos de expressões visuais de artistas de vários tempos espalhados pelo mundo:



Fig. 64 Dinamarca, *The Railroad Guard*, 1884
Pintura de Laurits Andersen Ring



Fig. 65 Índia, *Crossing Guard* 2012
Fotografia de Raj Upadhyay



Fig. 66 USA, *Central Islip, Carleton*, c.1918
Fotografia de George G. Ayling



Fig. 67 USA, *Bethpage* 1944,
Fotografia de Dave Morrison



Fig. 68 USA, Watchman at Osborne Ave, c.1946
Fotografia: Fred Weber

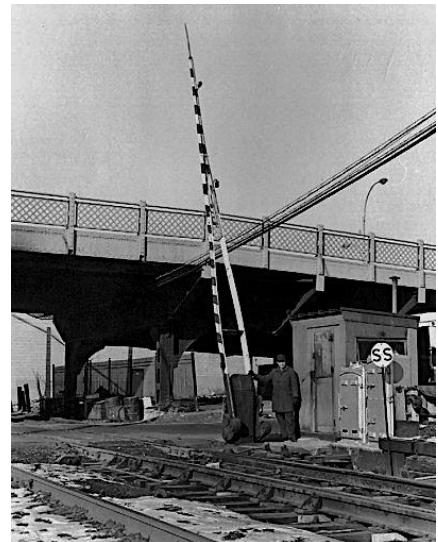


Fig. 69 USA, Areenpoint AveBlissville, 1970, Fotografia autor desconhecido

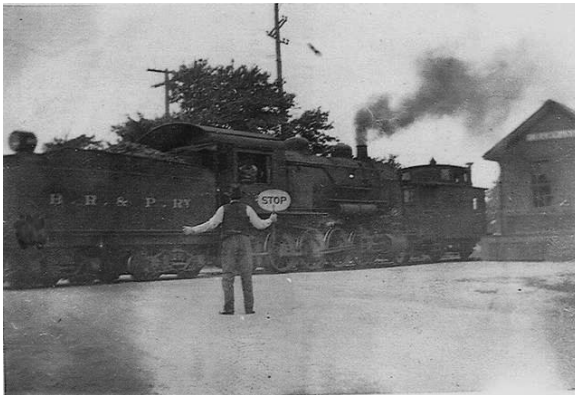


Fig. 70 Grécia, circa 1920,
Fotografia Alan Mueller, Greece



Fig. 71 Quirguistão, Kara-Balta, Bishkek, 2010
Fotografia Dean C.K. Cox



Fig. 72 e 72 a
Dona São, Guarda de Passagem de Nível, nos inícios da vida profissional e reformada, com 40 anos de trabalho, a falar da sua profissão aos alunos do 2º A, da F, em 24 de Janeiro de 2014, em cima uma imagem sua.



Fig. 73



Fig. 74

3.2. Desenvolvimento do projeto

A elaboração deste projeto tem como base inicial a Linha do Vale do Vouga, principalmente por ser a linha ferroviária nacional com mais Passagens de Nível e responsável por 30% da sinistralidade Ferroviária. Um outro motivo, prende-se com o facto de ser uma das linhas em funcionamento onde a tecnologia ainda não “domina” o homem. A segurança da linha e de quem a atravessa depende ainda, em muitos locais, do fator humano e da função de Guardas de Passagem de Nível.

Posteriormente expandi o trabalho à Linha do Norte, mais concretamente ao troço Aveiro – Porto, procurando estabelecer relações, confrontos e afinidades sociais e visuais em realidades muito diferentes, tecnologicamente opostas, outras geografias, com ritmos bem diferenciados de circulação de comboios, de veículos e pessoas.

Em todos os postos de trabalho existem cabinas, para onde as Guardas transferem um pequeno simulacro de casa, vivenciando as horas de turno numa proximidade aparente do interior das suas próprias habitações, no conteúdo dos objetos, utensílios e símbolos culturais e religiosos que aderecem a “casa”, próprios da identidade de valores comuns ao grupo de turnos.

Como refere Bachelar (1884 – 1962): “...a casa é uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. (...) Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano.”¹²

Por isso, foi intenção imediata fotografar as Guardas no interior da sua “Cabana”, para acrescentar ao espaço exterior, sempre exposto, o âmago da identidade coletiva deste grupo de trabalhadores.

¹² Bachelar, Gaston, *A Poética do Espaço*, Martins Fontes, S. Paulo, Brazil, p.26



Fig, 75



Fig.76



Fig. 77



Fig.78



Fig. 79



Fig.80



Fig. 81

3.2.1. Zonas de intervenção

Linha do Vale do Vouga

A Linha do Vale do Vouga, mais concretamente o ramal Aveiro-Sernada, foi inaugurado em 1911 e estende-se por trinta e cinco quilómetros, com trinta e quatro Passagens de Nível, nove com Guarda e as restantes automatizadas ou sem Guarda. Algumas PN estão desativadas e abandonadas, outras são ativadas por um “Operador de Manobras”, que segue dentro do Comboio. Antes uns metros da Passagem de Nível o comboio para e este funcionário apeia-se para fechar a cancela. Depois da automotora passar, volta a abri-la e vai a correr apanhar a carruagem já em andamento.

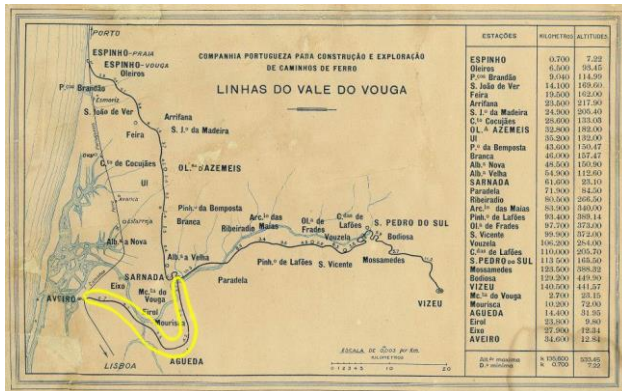


Fig 82

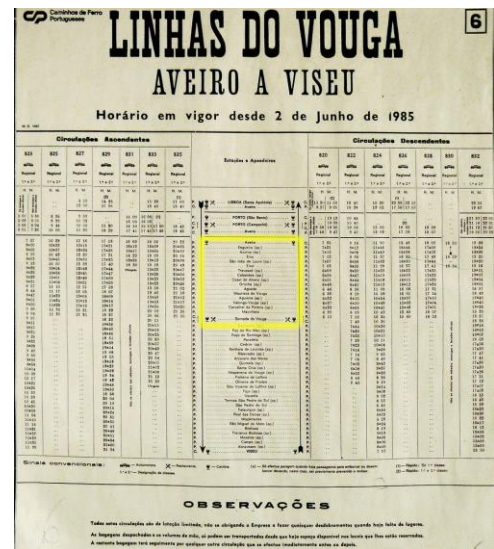


Fig. 83

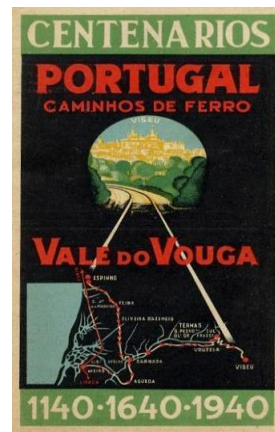


Fig. 84 e 85



Fig. 86



Fig. 87

Nesta linha em que pouca coisa mudou desde a locomotiva a vapor, substituída pela automotora a diesel, mas sem nunca ter sido eletrificada, a segurança depende de muitas pessoas, funções e ultrapassadas técnicas ferroviárias. Segundo informações recolhidas em depoimentos das Guardas que abordei, serão entre vinte e cinco a vinte sete Guardas de Passagem de Nível a trabalhar ainda neste troço. Porém a Linha do Vale do Vouga já foi maior, ligando Aveiro a Sernada (com entroncamento), onde se poderia optar por rumar a Espinho, ou ir até Viseu. O ramal Sernada-Viseu foi encerrado em 1990 e o troço entre Sernada e Oliveira de Azeméis está desativado “devido à pouca procura”.

Esta é uma Linha em que o investimento tecnológico está num segundo plano no contexto ferroviário nacional, com carris em avançado estado de degradação, comunicações desatualizadas e com muito pouca automatização e tecnologia. O “Vouguinha”, como é carinhosamente apelidado, raramente ultrapassa os trinta quilómetros por hora, “os carris não aguentam mais velocidade em segurança”, sendo a ligação entre Águeda e Sernada feita a dez quilómetros por hora, um percurso mais sinuoso e complicado com muitas Passagens de Nível sem Guarda e sem cancelas onde, ao virar da curva, o Comboio pode encontrar obstáculos. De estação em estação o revisor telefona para as Passagens de Nível seguintes a fazer o “pedido de avanço”, se tudo estiver operacional a Guarda dá indicação de avanço e o “Vouguinha” continua a sua lenta viagem.

As Guardas de Passagem de Nível desta linha não veem passar muitos comboios, esta é uma linha em degradação e elas têm bem a noção disso, sendo as próprias a confessar perentoriamente estar em muito mau estado, sem investimento e que a profissão não tem futuro. Dificilmente se encontram Guardas com menos de vinte e cinco anos de serviço, a maioria tem dedicado uma vida de trabalho à segurança coletiva estando muito perto da reforma.

As Guardas de Passagem de Nível da Linha do Vale do Vouga são na sua grande maioria deslocadas do seu contexto habitacional. Há Guardas oriundas de Pombal, Figueira da Foz, ou Braga, provenientes, na maioria dos casos, de Passagens de Nível suprimidas noutras Linhas, obrigando estas profissionais a

rumarem a outras paragens, obrigando, muitas vezes, a pernoitar em instalações improvisadas de estações desativadas, como é o caso da estação de Águeda onde chegam a viver três Guardas durante os dias em que fazem turnos.



Fig. 88

Esta é uma profissão em que não há fins-de-semana, férias ou feriados como na maioria das profissões convencionais. Nos depoimentos que recolhi, é transversal o sentimento de cumprimento do dever, com muito esforço pessoal, muita responsabilidade, muitas vezes num grande sacrifício emocional por estarem longe de casa e da família. Aniversários, Natal ou Páscoa, são muitas vezes passados longe de familiares e amigos, a ver passar os comboios.

A abordagem fotográfica revelou-se uma tarefa dificultada pela desconfiança da presença da máquina fotográfica. Se nuns casos fui bem recebido, depois da explicação do projeto e alguma conversa de levantamento de dados, noutros, constato que a grande preocupação das profissionais é, onde vão “aparecer” as imagens. Deparei-me com algumas Guardas PN que não permitiram a captação de imagens, o que respeitei, conseguindo apenas depoimentos receosos. Em muitos dos casos a apreensão relacionava-se com questões internas da empresa. Percebi que há a figura do inspetor, que lhes aparece de surpresa, fiscalizando as suas tarefas e em alguns casos fixando-se em questões e procedimentos pessoais.

PN 8,072, Aguieira. Nesta Passagem de Nível há dois turnos, num deles trabalha Preciosa Simões de Melo, com trinta e seis anos de trabalho mora em Macinhata do Vouga, é das poucas Guardas desta linha que vive perto do local onde trabalha.



Fig. 89

PN 11,791, Alagoa. Passagem de Nível com dois turnos, Isabel Rosa tem vinte e oito anos de serviço, é de Coimbra e trabalha nesta Passagem de Nível há seis anos.

Nesta Passagem de Nível, assim como noutras, existe uma casa onde vivia uma das Guardas de Passagem de Nível, que entretanto se reformou. Está ao abandono e em grande estado de degradação. A empresa não deixa, segundo as próprias, que as Guardas tomem conta sequer do jardim ou da antiga horta ou

curral. Isabel Rosa pernoita na estação de Águeda nos cinco dias do seu turno com mais três colegas de profissão de outras Passagens de Nível.



Fig. 90

PN 8,072, Águeda, Paredes. Nesta Passagem de Nível trabalham três turnos. Conceição Martins, vive em Frossos, Albergaria-a-Velha, tem trinta e quatro anos de serviço. Quando a abordei fazia malha enquanto esperava o Comboio. Inicialmente foi com alguma dificuldade que aceitou colaborar, “ainda ontem cá esteve o inspetor, e a engenheira anda sempre por aí, ainda me fazem a vida negra se sabem”, mas depois de alguma insistência aceitou colaborar.

Uns cem metros antes desta Passagem de Nível, existe uma outra que foi fechada e desativada, tendo sido construída, em alternativa, uma ponte pedonal,

que nunca foi concluída com a ligação à estrada pública, não sendo, por isso usada, ficando a infraestrutura “pendurada” e sem nenhuma função.



Fig. 91

PN 25,075, Eirol. Tem três turnos de Guardas de Passagem de Nível todas mulheres, com a particularidade de não ter cancela ou portões. Quando recebe a chamada telefónica a avisar que vem o comboio, a Guarda estica uma corda e pendura-lhe ao centro um sinal de trânsito proibido aguardando o comboio no seu posto.

Maria Cecília, vive em Canelas e tem trinta e três anos de serviço. Depois do Comboio passar volta a tirar as cordas permitindo o atravessamento da linha e regista em impresso próprio a passagem do “Vouguinha”.



Fig. 92

PN 32,601, Azurva. Nesta Passagem de Nível trabalham três turnos de Guardas. Também aqui, como na Passagem anterior, não há cancela ou portões. Quando recebe a chamada telefónica a avisar da passagem do comboio, a Guarda estica, neste caso, uma corrente de ferro e pendura-lhe ao centro um sinal de trânsito proibido, ficando a Linha desimpedida para passar o comboio.

Esta Guarda da Linha, foi extremamente rude e firme em não querer ser fotografada. Após longa conversa sobre vários assuntos, desde plantas e jardim, às condições de trabalho, as conversas que tinha tido com as suas colegas, autorizou-me então a fotografar, apenas ao longe, na passagem do comboio e a

exercer uma das suas funções, erguer a bandeira enrolada a avisar o maquinista que está tudo bem e pode seguir.



Fig. 93



Fig. 94



Fig. 95

Linha do Norte | Aveiro-Porto

O troço Aveiro-Porto está integrado na Linha do Norte e tem cinco Passagens de Nível com Guarda: Ovar, Paramos, Granja sul, Granja Norte e Miramar. Esta é uma linha ferroviária com muito movimento de passageiros, mercadorias e tráfego nas Passagens de Nível. O trabalho das poucas Guardas PN, que ainda zelam pela segurança nas Passagens de Nível existentes nesta linha é frenético. Segundo depoimentos das funcionárias, passam uma média de duzentos comboios por dia, entre mercadorias, suburbanos, regionais, intercity e alfa pendular.

A maior parte das Passagens de Nível existentes noutros tempos, na Linha do Norte, foram suprimidas e as travessias foram construídas, em forma de desniveladas, por pontes ou túneis, empurrando a profissão de Guarda de Passagem de Nível para a extinção.

Esta é uma Linha onde as Guardas precisam de ter atenção redobrada. Ao contrário da Linha do Vale do Vouga, aqui é difícil falar com a Guarda em funções. A passagem de comboios é contínua e, entre o aviso sonoro, baixar as cancelas, ocupar o seu posto onde ergue a bandeira, até o comboio passar, voltar a levantar as cancelas, para uns minutos depois repetir tudo, o tempo para conversa com a Guarda de PN é diminuto.

A tensão e ritmo de trabalho das Guardas é bem diferente entre as duas linhas ferroviárias. Se no Vouga este ritual é feito com calma e descontração, onde o tempo quase pára, na linha do Norte o trabalho e a concentração é permanente, tendo sempre atenção a quem não respeita as cancelas, não sendo poucas as pessoas que, a pé, de bicicleta, ou motorizada, contornam as cancelas, pondo em risco a segurança ferroviária e a dos próprios.

PN 301,244, Ovar. Trabalham aqui seis Guardas de Passagem de Nível, sendo cinco mulheres e um homem, em turnos rotativos.



Fig. 96

António Valente, é o único homem com a categoria profissional de Guarda de Passagem de Nível neste troço e, pelo que em depoimento me confirmou, apenas há, neste momento, mais um homem com esta categoria na empresa e está numa Passagem de Nível em Santarém.

António Valente tem vinte e nove anos de serviço e foi, curiosamente, o mais difícil e menos disponível, dentro do universo de Guardas que tratei. Numa primeira fase, sugeriu que “o chefe dele andava por ali perto a inspecionar a linha e nem queria muita conversa, muito menos fotografias”. Depois de alguma insistência minha, principalmente por ser o único homem com esta Profissão a que teria acesso, muito a custo permitiu a captação de imagens com algumas restrições.

Maria Alice Ribeiro tem vinte e oito anos de serviço. Esta Guarda PN declinou numa primeira abordagem colaborar, tendo depois anuído, após algumas minutos de conversa. Esta é uma das Passagens de Nível que me é familiar, transportando-me à infância, porque passava ali diariamente a caminho da escola. Um dos meus colegas de escola vivia na casa da guarda, onde a mãe trabalhava como Guarda de Passagem de Nível e o pai Operador de Manobras. Este foi o mote da conversa inicial com esta profissional, recordações, saber do paradeiro do meu antigo colega de escola e da sua família, ficando a saber que o Jorge (o meu colega) é hoje maquinista da CP, tanto a mãe como o pai, já se reformaram e já não vivem ali, estando a casa a degradar-se e ao abandono. Após muitos comboios e alguma conversa pelo meio, esta Guarda concordou em colaborar, sempre a repetir que “o inspetor poderia aparecer e criar-lhe problemas”.



Fig. 97

PN 313,242, Paramos. Trabalham aqui cinco Guardas de Passagem de Nível todas mulheres.

Maria Umbelina Gregório, tem vinte e sete anos de serviço. Disponibilizou-se completamente para colaborar no meu trabalho, tendo sido a única Guarda PN, deste troço, que me permitiu captar imagens dentro do posto da Guarda, assim como da casa adjacente que funciona de apoio às Guardas e ao pessoal da Empresa.

Nesta Passagem de Nível tive a oportunidade de captar, em imagens, a grande “dor de cabeça” do seu trabalho. Segundo Umbelina, as pessoas, muitas vezes, perdendo a noção do perigo a que se sujeitam, desrespeitam o fecho das cancelas e atravessam inadvertidamente, dificultando-lhe o cumprimento das suas responsabilidades, pondo-a em “estado de nervos”.



Fig. 98

PN 319,875, Granja Sul. Trabalham aqui cinco Guardas de Passagem de Nível.

Ana Marques tem trinta e sete anos ao serviço da Refer. É natural da Guarda, mas vive perto da linha, numa casa alugada a uns vinte quilómetros desta Passagem de Nível onde agora trabalha.



Fig. 99



Fig. 100

PN 320,708, Granja Norte. Trabalham nesta passagem de nível cinco Guardas de Passagem de Nível todas mulheres, embora, neste turno, a Guarda fosse substituída por um Operador de Manobras, por motivo de doença.

António Correia, tem trinta e sete anos de serviço como “Manobrador”, mas confia que esta é uma situação recorrente e que faz muitas vezes este serviço em diversas Passagens de Nível, referindo que: “a empresa há muitos anos que não admite novas Guardas de Passagem de Nível. As que ainda trabalham, muitas vezes ficam doentes, ou vão de férias. Eu, ou outros colegas Manobradores, ficamos a substitui-las”.



Fig. 101

PN 324,562, Miramar, Moutadas. Trabalham aqui três Guardas de Passagem de Nível todas mulheres, em três turnos. Esta Passagem de Nível tem a particularidade de ser semiautomática. A Guarda roda um botão para fechar e abrir a cancela.

José António Almeida, Operador de Manobras, em substituição da Guarda de PN, ouve as campainhas e roda um botão que aciona o fecho da cancela. Depois do comboio passar roda novamente o botão, no sentido contrário, abrindo a cancela e permitindo o atravessamento da Linha, em segurança. Segundo ele, esta é uma Passagem de Nível Automática, mas devido à especificidade do local, a empresa optou por recolocar Guardas. Refere que: “há muitos camiões a passar e havia aqui alguns acidentes, pelo que a empresa optou por voltar a meter Guarda”.



Fig. 102

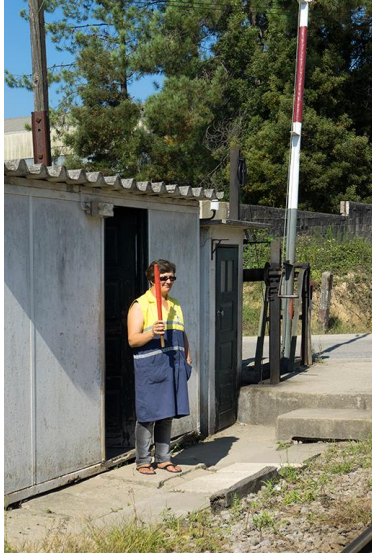


Fig. 103, 104

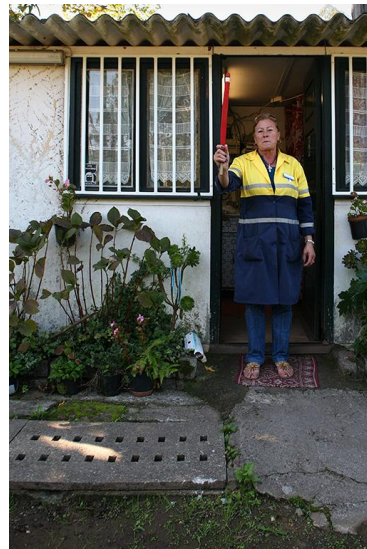


Fig. 105, 106



Fig. 107, 108

3.2.2. A questão de género na profissão

O sexo, ao longo da história da humanidade, tem determinado, social e culturalmente, papéis diferentes para o homem e para a mulher, na organização das relações de trabalho e no exercício das atividades profissionais.

Enquanto que o sexo distingue, em termos biológicos, o homem da mulher, o conceito de género surge associado a fatores de natureza sociocultural, instituído por um sistema de relações sociais, com papel preponderante na organização do mercado de trabalho.

No nosso país, o contexto social, político e económico de outros tempos, marcou fortemente as funções sociais atribuídas a ambos os sexos, na base de uma caracterização retrógrada de “sexo forte” e “sexo fraco”, concentrando no homem a ideia e imagem de força, agressividade, domínio e independência, em contraste com a mulher, considerada sensível, emocional, frágil e delicada.

Durante o último século e a reboque dos movimentos feministas e das modificações, que vão acontecendo por todo o lado, no chamado mundo ocidental, tem lugar o designado movimento para a emancipação da mulher, levando à sua inclusão progressiva noutros territórios laborais, fora do âmbito da vida doméstica em que era votada à família.

É neste quadro, com a introdução dos caminhos de ferro em Portugal, que surge a profissão de Guarda de Passagem de Nível, que nos habituámos a ver preenchida por mulheres, no contexto da noção, comumente aceite, de que as tarefas “pesadas” seriam para os homens e as de menos esforço físico para as mulheres.

Embora este padrão social se venha a alterar significativamente nos finais da década de 70, em que as mulheres acedem progressivamente a todos os lugares laborais, que antes eram destinados aos homens, inclusivé os militares, tem-se mantido, até hoje, a presença da imagem feminina como patrona de um espaço laboral, que caminhando para a extinção, continua a ser sua ‘pertença’ e assim ficará registado na nossa memória coletiva.

No decurso deste projeto, e no espaço territorial a que o circunscrevemos, verificámos a existência de um homem com a categoria profissional de Guarda de Passagem de Nível, na passagem da Ponte Nova, Ovar, ficando-se a saber da existência de outro na zona de Santarém.

3.2.3. Encerramento das passagens de nível – extinção da profissão – alterações morfológicas no espaço e interferências na paisagem

A crescente exigência em matéria de transportes e mobilidade obriga a sistemáticas intervenções nas vias, nos equipamentos e nos serviços, esforço de modernização do transporte ferroviário em nome da segurança dos trabalhadores, dos seus utilizadores e de quem se cruza no seu caminho. Neste sentido as Passagens de Nível são apontadas como uma das componentes mais perturbadoras do sistema de exploração ferroviária, gerando permanente insegurança. Nos últimos anos tem havido uma significativa redução do número de acidentes e, segundo a Refer empresa gestora das PN, isso deve-se ao incremento do esforço de supressão de Passagens de Nível.

O Decreto-Lei nº 568/99 determina a proibição do estabelecimento de novas Passagens de Nível e indica a elaboração de planos de supressão das de maior risco.

Muitas Passagens de Nível foram suprimidas, outras foram desniveladas em túneis ou pontes, permitindo a passagem a veículos e peões. Por várias questões técnicas, logísticas, económicas, morfológicas e geográficas, entre outras, não tem sido exequível suprimir todas as Passagens de Nível, apostando-se na progressiva modernização e automatização das ainda existentes, o que não impedirá, no futuro, a inevitável extinção da profissão de Guarda de Passagem de Nível. A figura icónica da “Guarda da Linha” tem os dias contados.

Os locais e paisagens intrinsecamente influenciados pela presença das Passagens de Nível, com o seu encerramento e/ou deslocalização, transformam-se em locais apagados, sem a vida de outrora, modificando a paisagem urbana, interferindo na paisagem rural, promovendo alterações na morfologia do espaço, cortando e isolando localidades que se transformam em “ilhas”, modificando a vida social e económica das populações.

Depressa, as Passagens de Nível adornadas pela “mulher da bandeira vermelha”, de farda, que já foi de outras cores e agora é azul e amarela, se esbatem das nossas vivências e se transformam em memórias visuais cada vez

mais do passado e que, assim, vão sendo aos poucos apagadas das nossas recordações.

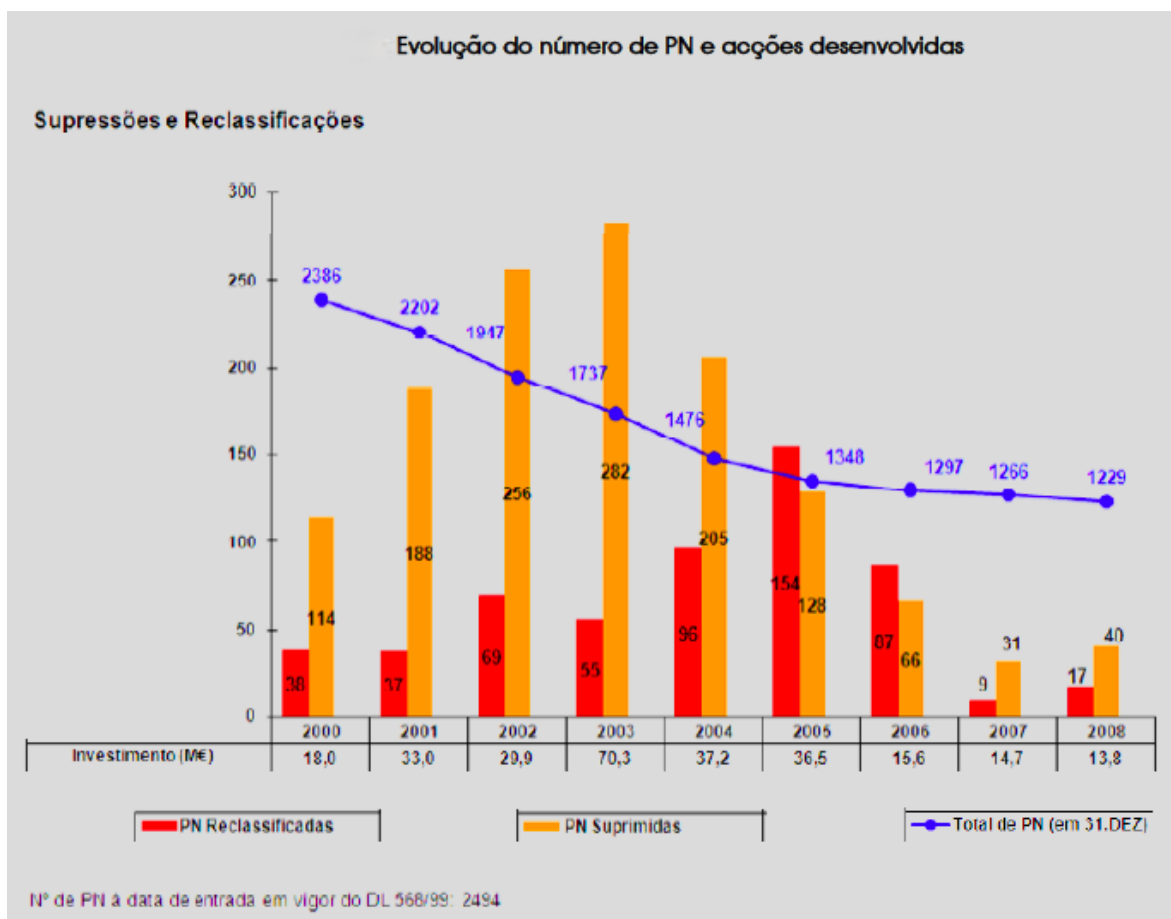


Fig. 109 Evolução do número de Passagens de Nível e acções desenvolvidas - Direcção Geral de Planeamento e Controlo Estratégico – Acções em PN – Relatório Anual 2008

PN Encerradas

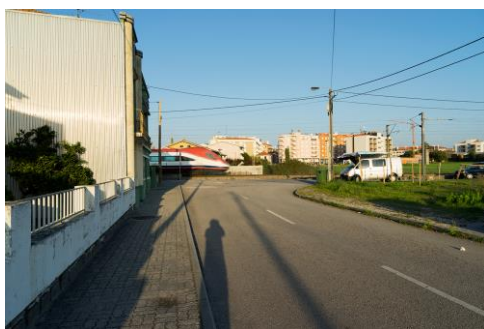


Fig. 110



Fig. 111



Fig. 111 a 118

PN Deslocalizadas



Fig. 119 a 126

3.3. Portfólio Fotográfico – proposta de uma exposição

Fig. 127 a 151





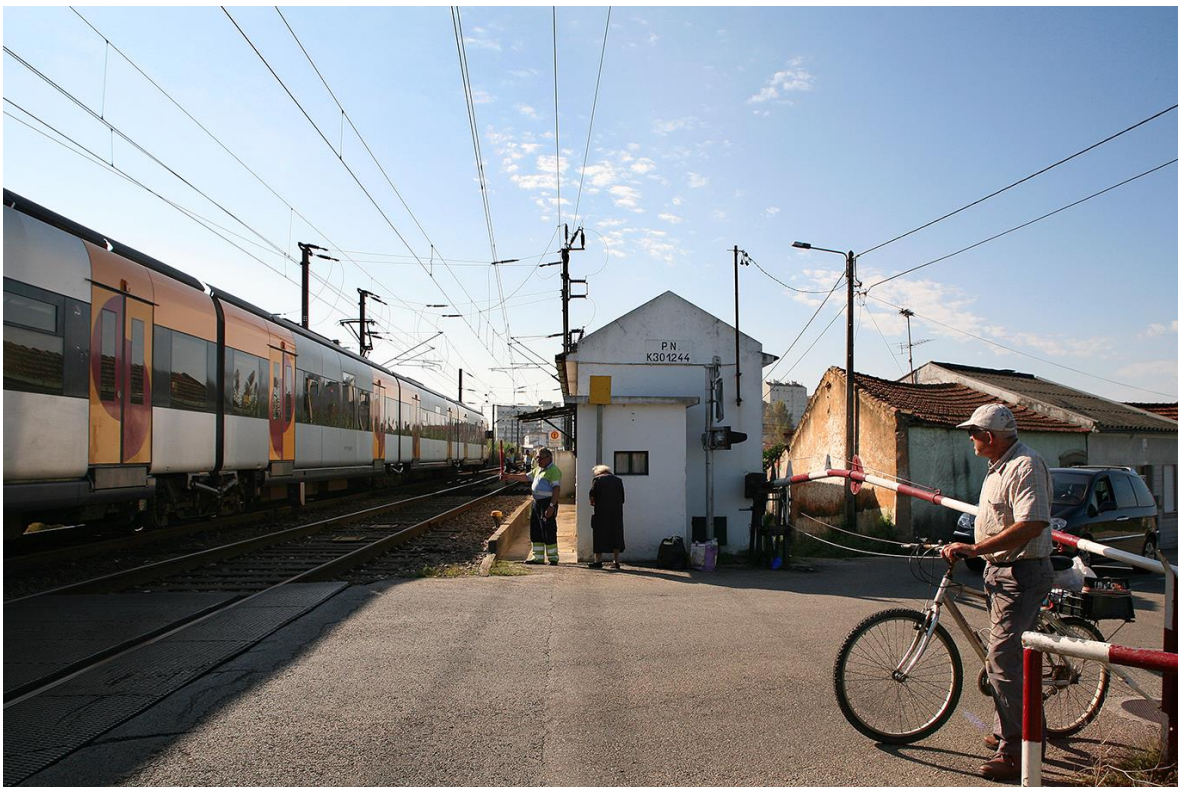






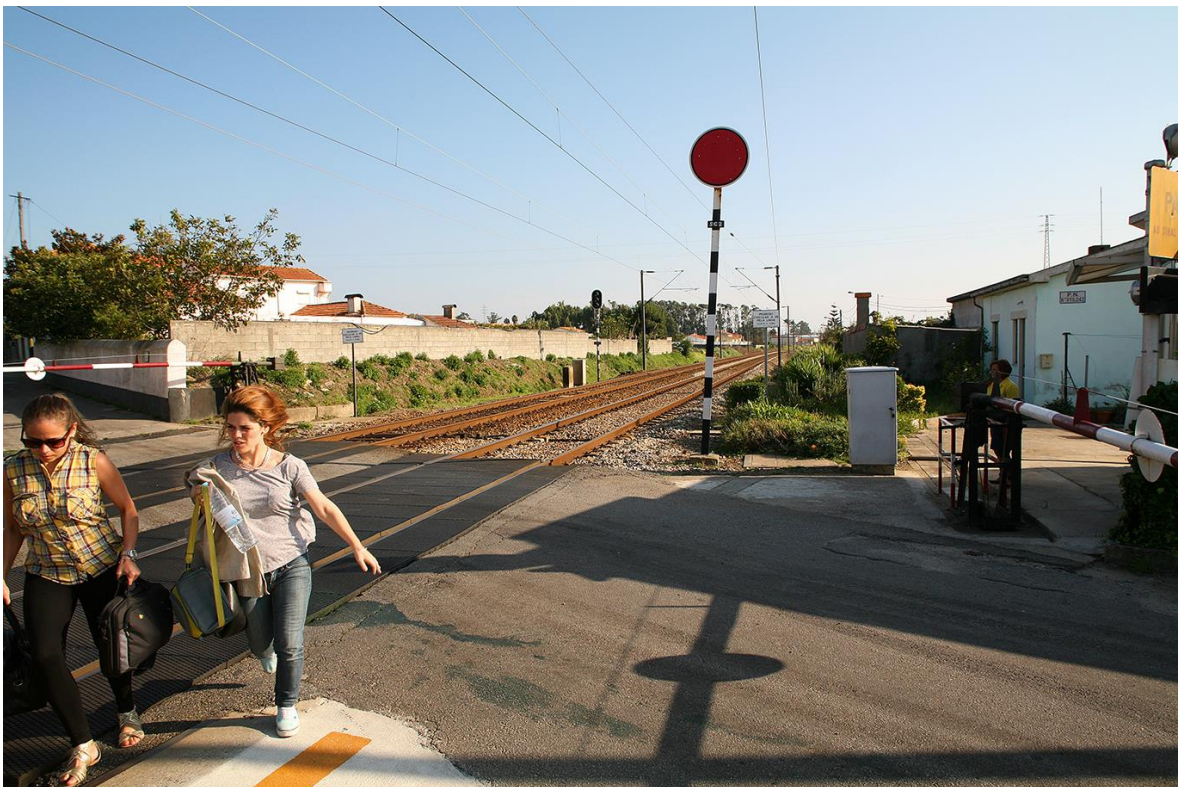




































4. Conclusão

“Tornou-se chocantemente óbvio que a nossa tecnologia excedeu a nossa humanidade.”

Albert Einstein

Iniciei este projeto com os fundamentos e motivações trazidos do trabalho fotográfico genérico sobre as profissões, que há já uns anos fizera, por considerar que cada projeto é o resultado da expressão dialética do seu autor e, por isso, vem na sequência do seu próprio caminho. (imagens em anexo)

Quando a Fotografia foi descoberta, há cerca de dois séculos, vinha emersa na linguagem pictórica desse tempo e, porque dependia de um “referente” real, que emitisse luz, para que ela se formasse, assumia um conteúdo de “verdade” e de “prova”, assim aceite social e ideologicamente, pelo que, em breve, passaria a representar questões prementes da sociedade.

Alguns fotógrafos tratariam temas sociais preocupantes, como a guerra, a pobreza, as condições de vidas dos imigrantes, ou a exploração do trabalho infantil, temas que, afinal, persistem em se manter.

A fotografia documental tende a revelar o que é anómalo no mundo, aponta ou denuncia os factos errados da sociedade, como via de gerar interesse na sua correção, mas também é realizada com o sentido da constatação, do estudo e do conhecimento da própria sociedade.

Trabalhos críticos recentes têm rejeitado a noção de que os atos do olhar, ver e registar podem ser neutros, desinteressados e inocentes.

As visões de realidades semelhantes seguem opções ideológicas e interpretações pessoais distintas, que conduzem à representação de factos que o fotógrafo valida, porque ‘testemunha’ e, por isso, transmite, em qualquer dos casos uma verdade irrefutada, que é a sua.

A imagem ótica para na retina. O que vemos é enviado ao cérebro pelos neurónios, é um fenómeno psíquico e não ótico. Não é do campo do ver mas do interpretar, da expressão do sentir.

Por isso, considero incluir nas representações do meu trabalho fotográfico dois tipos de expressões, que se fecham em si próprias: a 'expressão primária', do foro do sentir, do sentir sem 'ler', ou interpretar linguisticamente, do domínio estetizante, e uma 'expressão secundária', interpretativa, simbólica, que permite a descodificação e sugere as coordenadas da sua interpretação.

Defini, praticamente, desde os primeiros levantamentos que efetuei, três vetores de intervenção sobre os quais recairiam os conteúdos a tratar neste trabalho que, desde logo verifiquei se associarem, entre si, em circuito fechado: a profissão de Guarda de Passagem de Nível em vias de extinção, o encerramento das passagens de nível e a deslocalização das travessias para outros sítios, através de infraestruturas, que se afirmam na paisagem e que, por vezes, alteram a vida económica e social das regiões.

Se, numa primeira fase, e contaminado pelos depoimentos das Guardas, sentia resistência pessoal ao encerramento das passagens de nível, logo haveria de concluir, que os avanços tecnológicos, postos ao serviço da sociedade, trariam melhoria nas condições de vida, tanto das populações, como dos próprios utentes dos serviços de transporte ferroviário. Doutra forma, nunca seria possível realizar uma viagem de comboio entre Porto e Lisboa em cerca de duas horas e meia.

A pequena fronteira entre o avanço tecnológico ao nosso dispor e a forma como o utilizamos, altera, substitui ou erradica funções, profissões, muda e transforma o conceito de sociedade para melhor ou para pior, influencia de forma muito vincada as condições em que vivemos e evoluímos.

A profissão de Guarda de Passagem de Nível será inevitavelmente extinta, cabendo à Refer encontrar soluções de empregabilidade, que resolva os receios fundados destes profissionais, sem que venham a engrossar a calamidade social do aumento de pessoas sem emprego.

Resta-nos o registo em imagem destas representações, algumas das quais, em breve, se transformarão em signos arqueológicos visuais, memórias de tempos que a visão dos vindouros, apenas em imagens, poderá observar.

5. Fontes e Bibliografia

Bibliografia:

- Alvarado, Manuel – Buscombe, Edward – Collins, Richard, *Representation & Photography*, Palgrave, New York, 2001
- Bachelar, Gaston, *A Poética do Espaço*, Martins Fontes, S. Paulo, Brazil,
- Badger, Gerry, *Eugène Atget*, Phaidon, 2001
- Balzac, Honoré de, *Pai Goriot*, Europa-América, Portugal, 1999
- Barthes, Roland, *Camera Lucida*, Vintage Classics, GB, 2000
- Berger, John, *Sobre o Olhar*, GG, Barcelona, 2003
- Berger, John, *Ways of Seeing*, BBC and Penguin Books, 1981
- Birgus, Vladinir e Mlcoch, Jan, *Czech photography in the 20th Century*, Prague: Kant, 2005:
- Borhan, Pierre, *La Photographie, A La Croisée Des Chemins*, La Manufacture, Paris, 1990
- Burgin, Victor, *Thinking Photography*, Macmillan, 1984
- Clarke, Graham, *The Photograph*, Oxford, 1997
- Debray, Régis, *Vie et mort de l'image, Une histoire du regard en Occident*, Gallimard, 1992
- Doblin, Alfred, *August Sander Face of Our Time*, Shirmer Art Books, 1994
- Ellis Waterhouse, *Painting in Britain 1530 to 1790*, 4.^a edición, Nueva York, Viking Penguin, 1978
- Estrangeiras, 1983.
- Freund, Gisèle, *Photographie et Société*, Editions du Seuil, 1974
- Frizot, Michel, *A New History of photography*, Éditions Adam Biro, 1998
- Grznic, Maria, *SITUATED CONTEMPORARY ART PRACTICES*, Art, Theory and Activism from (the East of) Europe – Ljubljana, Frankfurt am Main 2004
- Herzogenrath, Wulf, *Fotografia da Bauhaus*, Instituto de Relações Culturais com o exterior, 1983
- Janson, Horst Woldemar, *História da Arte*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1989.
- Korn Fritjof, *August Sander*, Goethe-Institut, München, 1980.

Molderings, Herbert, *Fotografie in der Weimar Republik*, Instituto de Relações
Museum Ludwig de Colónia, *Fotografia do século XX*, Taschen, 2001.
Nietzsche, Friedrich Wilhelm, *Além do Bem e do Mal*, Europa América, 1990
Peter Hamilton, *Representing the Social, France and Frenchness in Post-War Humanist
Photography, in Representation – Cultural Representations and Signifying Practices*, Edited By
Stuart Hall, 1997
Saramago, José, *A Caverna*, Ed. Caminho, 2000
Sontag, Susan, *Ensaio Sobre Fotografia*, Publicações D. Quixote, 1986
Wells, Liz, *Photography – A Critical Introduction*, Routledge, 1997

Outras Fontes Documentais:

Direcção de Gestão de Atravessamentos e Passagens de Nível, Relatório Anual, 2008
Falces, Falces, *La Sobria Elegancia de Irving Penn*, El Pais, 14/2/98
REFER, Rede Ferroviária Nacional, Direcção Geral de Planeamento e Controlo Estratégico,

Webgrafia:

<http://www.cp.pt>

<http://www.refer.pt/MenuPrincipal/TransporteFerroviario/CaminhodeferroemPortugal.aspx>

<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2011/03/caminhos-de-ferro-portugueses.html>

http://www.sindefer.pt/captulo_i2.html

<http://os-caminhos-de-ferro.blogspot.pt/2012/03/linha-do-vouga-ramal-de-viseu-um-pouco.html>

<http://www.trainsarefun.com/lirr/Shanties/lirrshanties.htm>

<http://kwmc.org.uk/projects/railwayworkers/>

<http://www.american-rails.com/de.html>

Filmografia:

Documentário da SIC sobre a linha do Vouga sobre as guardas de PN

http://www.youtube.com/watch?v=rX_XETsOGY0

Documentário da SIC sobre a linha do Vouga sobre as guardas de PN

<http://www.youtube.com/watch?v=WuEbh68pTXE>

Lewis Hine Documentary

<http://www.youtube.com/watch?v=Bnk-rT2-paM>

6. Anexos

As Profissões e o Meio – JVL



Fig. 152



Fig. 153



Fig. 154



Fig. 155



Fig. 156



Fig. 157



Fig. 158



Fig. 159



Fig. 160



Fig. 161



Fig. 162



Fig. 163